

# Eusébio e o puxãozinho de orelhas ao nosso Hilário

LUÍS CALISTO

Eusébio a puxar pela orelha do defesa do Marítimo Hilário. Hilário a tentar agarrar o cabelo de Eusébio. O árbitro Roldão atrapalhado com a insólita situação. E os 16 mil espectadores dos Barreiros pasmados.

O génio afro-lusitano da bola tinha fama de evitar picardias com os adversários, apesar de castigado com dureza em cada lance por esses campos do mundo fora. Mas Hilário Pernetá, o louro defesa maritimista, bem constituído, andava nesse jogo como uma carraça atrás do '10' benfiquista. Eusébio não escondia o incómodo. Numa ocasião em que, como era seu hábito, ele segurava entre as mãos a bola que competia ao Marítimo recolocar em jogo, Hilário tentou tirar-lha, com um daqueles safanões de quem está a perder e precisa de jogar contra o relógio. Eusébio deitou-lhe as unhas à orelhinha.

Um episódio pitoresco muito comentado pelos tempos fora.

O Benfica não vinha ao Funchal desde 1949, havia portanto 24 anos. Nessa altura, em Julho de 1949, os encarnados, recheados de muitos internacionais como Rogério, Chico Ferreira, Félix e Espírito Santo, venceu o Marítimo por 3-2 e 'levou' 4-2 na desforra. Em 16 de Maio de 1973, as coisas estavam diferentes. O clube madeirense recebia nessa noite as faixas referentes ao seu último título como Campeão da Madeira, uma vez que dentro de semanas iria disputar o ingresso nos nacionais. Por sua vez, o Benfica recebia as faixas de Campeão português. O ambiente deslumbrava, com as equipas em campo, miss Madeira e miss Comunidade Luso-Brasileira a tratar da entrega das

faixas debaixo de um sempre esplendoroso fogo-de-artifício, e no meio da vibrante música dos Guerilhas. Mas quem mais brilhava no palco se não sua majestade, o Rei Eusébio?!

Dentro do relvado... Pensar que, escassos sete anos antes, nas camadas jovens do Marítimo, ouvíamos as proezas de Eusébio no Mundial de Inglaterra! E, num repente... ali estávamos 11 rapazes verde-rubros à frente de Humberto Coelho, Jaime Graça, Malta da Silva, Jordão... e dele, evidentemente. Eusébio.

Umas noites mal dormidas, do 'nervoso', até ao dia de ouvir a tática para o jogo, na salinha junto à da Direcção do Marítimo, na saudosa sede ao n.º 17 da Rua D. Carlos I. O inesquecível argentino peronista Gonzalito, nosso treinador, como era hábito em situações do género, fazia uma preleção tendente a subvalorizar aqueles nomes todos do adversário, pedindo-nos que não os humilhássemos. Mas, de caminho, a exigir firmeza na disputa com os Eusébios, os Adolfos e companhia. Que havia jogos em que se tornava



A formação do Benfica que veio à Madeira em Maio de 1973...

necessário agir com os pitões em risete, como se no físico do adversário aquilo fosse canela até ao pescoço. E, insistia o treinador, tínhamos de levar a tática a sério, sem dó nem piedade, porque os jogadores do Benfica não tinham ossos mais respeitáveis do que os nossos.

Nisto, ouve-se bater à porta. O chefe de Departamento de Futebol do Marítimo, o saudoso Adelino Rodrigues, a chegar com uma mensagem:

- Sr. Gonzalito, o sr. Fernando Neves (chefe de Departamento de Futebol do Benfica) pede um jogo leal, de modo a que não haja lesões, porque eles têm responsabilidades europeias dentro de dias.

E Gonzalito:

- Claro, claro, eu estava precisamente a recomendar muita serenidade aos rapazes, é só um jogo particular.

Adelino Rodrigues vai embora e o treinador a desabafar, com desalento:

- Tramaram a minha tática!

Do mal o menos, toca a jogar como sabemos.

- O Calisto bate os cantos dos dois lados - determina Gonzalito.

Ora, mas vamos chegar a conquistar algum canto?

Isaque parece ler-me o pensamento:

- Mister, vai ser um jogo duro, o Calisto a marcar cantos dos dois lados pode rebentar...

Gonzalito finge não detectar a ironia:

- Claro! O Vasco bate do lado esquerdo!

Subimos para os Barreiros aparentando auto-confiança. O jogo correu animado. Renhido. Mas estava ali o Benfica do Eusébio. Não me recordo se chegámos a fazer algum canto.

No tal lance do puxão de orelhas, o árbitro Roldão acabou por despachar o assunto:

- Oh pequeno - para Hilário -, acabas com isso ou ponho-te na rua! Sr. Eusébio, era favor dar a bola.

Perdemos por 4-0. O defesa do Benfica Humberto Coelho marcou duas vezes. Eusébio já estava distante dos golos que o celebrizaram. A sua despedida da Selecção seria coisa de meses.

Iríamos encontrá-lo algumas vezes em Lisboa, quando ele visitava no Hotel D. Carlos o treinador do Marítimo Hilário da Conceição (1975-76). Já tentávamos a subida à I Divisão. O treinador Hilário - melhor defesa esquerdo do mundo em 1966, em Inglaterra - deixava-nos ouvir, ao sábado, as mil e uma histórias daquele mito vivo. Simpático. Que conquistou a nossa amizade e nos dava conselhos para o jogo do dia seguinte. Contou a vez em que avisou no Restelo o Rodrigues do Belenenses, à época seu camarada de tropa:

- Rodrigues, não te ponhas na

barreira, porque estou com um presentimento...

Não deu outra coisa: Eusébio bateu forte, como era marca sua, e Rodrigues caiu redondo com a pancada na cabeça. E agora para convencer o Rodrigues da inocência do amigo, que não fora de propósito?

E aquela vez em que a imprensa italiana o tentava desmoralizar antes de um Inter-Benfica para os europeus e ele, cheio de raiva, marcou um golo a distância impensável obrigando os italianos a ir depois estudar a velocidade que a sua 'chapada' (termo dele) imprimira à bola.

Estava eu também em tempos de despedida. A vagarosa troca, em 'fade', do fanatismo de futebolista pela paixão do jornalismo. As perguntas multiplicadas àquele ídolo nacional já em decadência. Na altura de 75-76, escorraçado pelo clube por quem fizera seis operações ao joelho esquerdo. Destinado a ter de se arrastar por campos mal-amanhados dos states. Pelo Beira Mar, pelo União de Tomar. Chegou a vir à Madeira para tentar entrar no Nacional, então na II Divisão.

Nas respostas que me dava, Eusébio não se queixava do desprezo a que o Benfica o votara. A sua grandeza era enorme.

- Como se chamava aquele restaurante onde jantámos, as duas equipas, depois do jogo no Funchal? - perguntou-me uma vez.

- 'Avião Novo'.

Eusébio contou ao compadre Hilário da Conceição como tinha sido então, na Madeira.

Nesse jantar do 'Avião Novo', estava esquecido aquele puxão de orelhas ao outro Hilário, o louro do Marítimo, duas horas antes. Eusébio distribuiu autógrafos. Em cumplicidade com Humberto Coelho, tomou, sem Jimmy Hagan descobrir, a sua cervejinha acima da medida autorizada. Os jogadores do Marítimo, em despedida dos regionais, siderados em convívio com Toni, Jaime Graça, Nené, Messias, Artur, Vítor Martins. Mas os holofotes iam para Eusébio. Não era que estava ali a falar com a gente o homem que virara o 0-3 da Coreia? Que marcara uma chuva de golos ao Manchester e ao Real Madrid?

Hoje duvidamos que fosse mesmo o Eusébio quem estava ali. Mas, mau grado ter partido a noite passada, afixamos com toda a segurança que ele está aqui.



... e a equipa da casa, o Marítimo, com as faixas de campeão da Madeira.

*"Ele não era apenas um grande jogador de futebol. Ele era um modelo para cada jogador. Não só em Portugal, mas no mundo todo. RIP Eusébio".*

**Raul Meireles**  
internacional português

*"Triste por ouvir a notícia da morte de Eusébio. Ele foi um dos grandes do futebol e uma boa pessoa. Uma verdadeira lenda".*

**David Beckham**  
ex-internacional inglês

*"Um grande jogador deixou-nos e queria dizer obrigado a Eusébio, pelo seu grandioso e bonito futebol".*

**Ruud Gullit**  
ex-internacional holandês

*"É um momento muito triste para o futebol mundial".*

**Hélder Postiga**  
internacional português

*"Há muitos príncipes no futebol, mas reis há poucos, Eusébio é rei".*

**Toni**  
ex-jogador e treinador do Benfica

*"Eusébio não morre, o seu historial futebolístico nunca o permitirá. Ele é transversal a todo o futebol nacional e mundial. O céu ganhou, a partir de hoje, a sua maior estrela. Paz para o Rei Eusébio".*

**Manuel Cajuda**  
treinador de futebol

*"Estarás sempre na nossa memória, Eusébio. Serás sempre o nosso campeão"*

**João Moutinho**  
internacional português